

DOMINGO, 31 DE DEZEMBRO DE 1995



Arte brasileira revela fisionomia própria

ANGÉLICA DE MORAES

Com genealogia na arte construtiva dos anos 50, a arte brasileira dos anos 90 demonstra que constitui corpo cultural específico, identificável. Despegou-se da mimetização e tritura antropofagicamente — como pregava Oswald de Andrade — informações emitidas das mais diversas geografias para plasmar ossos, músculos e pele de uma fisionomia própria.

Esse corpus brasilis fica ainda mais evidente quando exibido no Exterior. Em 1995, os artistas brasileiros souberam demonstrar a maturidade da sua produção.

Em janeiro, o projeto Art from Brazil in New York levou 12 mostras e 3 gerações para galerias nova-iorquinas de primeiro nível. Ao trocar teorias curatoriais pela prática de mercado, o projeto enfocou artistas emblemáticos e garantiu nitidez para o diálogo com o olhar estrangeiro.

As representações do Brasil nas bienais internacionais — assunto delegado pelo Itamaraty à Fundação Bial de São Paulo — tornou-se questão polêmica. Criticou-se a concentração excessiva de decisões. O curador Nelson Aguillar escolheu as delegações nacionais às bienais de Veneza, Johannesburgo (África do Sul), Kwangju (Coreia do Sul) e Istambul (Turquia). Poucos colocaram em dúvida, porém, o acerto da dupla Nuno Ramos/Bispo do Rosário, em Veneza.

A agilidade da iniciativa privada ganhou de goleada da esclerose estatal. O governador Mário Covas promoveu um desmonte da estrutura técnica dos espaços culturais do Estado. As filas quilométricas da exposição Rodin na Pinacoteca não chegaram a compensar a programação inconsistente no restante do ano nos demais museus do Estado — resultado da falta de verbas.

O acervo da Pinacoteca ganhou várias peças de Rodin doadas por empresários, mas os museus oficiais continuaram colecionando ausências da produção contemporânea. Enquanto isso, sensível ao apelo da nova diretoria do Museu de Arte Moderna (MAM-SP), o empresariado presenteou a cidade com um museu belamente reformado e ampliado, apto a ingressar no circuito internacional de mostras. O MAM também reformulou o Panorama da Arte Brasileira: de amostragem geográfica aleatória, passou a assumir perfil curatorial e multimídia.

No circuito das galerias, saudável equilíbrio entre mestres, valores consolidados e novos talentos. Gilvan Samico, Luis Sacilotto e Marcelo Grassmann voltaram a expor após grande hiato de tempo. Comprovaram: são eternos. As obras de Leonilson ganharam cuidadosa retrospectiva póstuma, acompanhada de livro. Carmela Gross fez duas exposições (uma no MAM-SP e outra no Gabinete de Arte) que somam rigor conceitual a sensibilidade no uso dos materiais.

Outro destaque do ano é Emmanuel Nassar, com dupla exposição na Galeria Luísa Strina e Centro Cultural São Paulo. Talento emergente, Geórgia Kiriakakis tensionou os limites do desenho em mostra consistente.

O ano se encerra com ecos de uma polêmica: a venda da tela *O Abaporu*, de Tarsila do Amaral, em leilão em Nova York. O episódio demarca a chegada da arte brasileira a patamares de preços internacionais mais coerentes com sua qualidade. Revela também o lugar que o patrimônio artístico ocupa entre as prioridades das administração pública: o limbo, escavado no silêncio da incuria.